

Bolchevismo: Subumanidade judaica

Estrutura:

I. Rússia até a Revolução de Outubro.

II. O judeu...um eterno parasita e destruidor.

III. Chefes judeus e judeus na União Soviética.

IV. Industrialização!

V. O trabalhador na União Soviética.

VI. O caminho do camponês russo.

VII. A família soviética.

VIII. Terror e trabalho forçado.

IX. Consideração final.

Prefácio

O presente trabalho reconhece o judeu como o verdadeiro portador do bolchevismo.

Em uma breve visão geral, o objetivo é mostrar as raízes judaicas do bolchevismo e seus efeitos devastadores em toda a vida do povo russo.

Somente quando se percebe quais objetivos globais e destruidores o bolchevismo judeu esta empenhado em atingir, é que se avalia o perigo que a União Soviética, como uma expressão visível do subhumanismo judaico, representa para a Europa e o mundo.

Ilustrações foram deliberadamente evitadas, uma vez que cada homem da SS conhece o tipo do judeu bolchevique e suas "obras" por experiência própria ou por reportagens em cinejornais e revistas.

I. Rússia até a Revolução de Outubro

A mistura russa de povos e raças

Os mais variados povos e raças pairaram sobre as vastas áreas da Rússia por milhares de anos.

A massa informe do povo de língua eslava oriental, incapaz de estabelecer qualquer Estado, experimentou uma ordem de primeiro Estado através dos vikings.

Foram ousados viajantes de sangue nórdico que criaram impérios importantes em torno dos pontos focais de Novgorod e Kiev. Quase parecia que a vasta área no leste seria organizada, espiritualmente reunida e administrada a partir da Europa. Mas logo o sangue nórdico foi drenado.

Do leste surgiu o mundo das estepes, o mundo nômade da Ásia, contra a mistura de povos eslavos. Não foi nada produtivo o que a Ásia enviou. Os duzentos anos de governo tártaro sobre a Rússia consumiram profundamente o sangue eslavo e o levaram a uma transformação racial do homem oriental. E é assim que um eslavo, Johann Peisker, caracteriza um russo:

"Primeiro, há o escravo eslavo que foi roubado sob a besta, depois o conquistador nórdico, disciplinado no corpo e na mente e, finalmente, o filho selvagem da estepe, o turco-tártaro, a besta. Cada um de nós tem algo desses personagens contraditórios. É por isso que nos falta todo o equilíbrio interior, daí a nossa inconstância e imprudência".

Essa ambiguidade da base racial foi encoberta pela rígida igreja bizantina, que aparentemente, puxou tudo para sua órbita. E assim como a Igreja de Roma levantou a reivindicação de dominação mundial, também a Igreja da Rússia acreditava que poderia apresentar uma reivindicação de melhoria mundial.

A capacidade eslava de sofrer, a explosão destrutiva da porção da estepe com sangue russo e o senso ortodoxo de missão são pré-requisitos essenciais para a descoberta posterior do bolchevismo na Rússia.

A estrutura da Rússia também se reflete na monstruosa injustiça social que caracterizou a antiga Rússia. Antes da Guerra Mundial, mais de 80% da população russa eram camponeses. Eles estavam subordinados a uma classe dominante feudal, que tinha propriedade irrestrita do povo. Essa lacuna nunca foi preenchida; criou uma grande tensão entre a massa do povo e a classe dominante e uma atitude despótica da classe dominante.

Certamente, não faltaram tentativas de absorver a cultura europeia, de virar o rosto da Rússia para o Ocidente. Mas essas tentativas continuam sendo episódios. Os elementos raciais estrangeiros à Europa eram mais atlânticos, de modo que a europeização espiritual não teve sucesso.

Onde, entretanto, os portadores da classe dominante foram estimulados pelo espírito da Europa, a natureza mentalmente instável do homem oriental pode novamente ser observada. O despotismo sem limites transformou-se em um sentimento radical de culpa social (Tolstoi); em termos políticos, porém, surgiu um terrorismo que só conhecia a destruição. O resultado é o terrorista cuja atividade pode ser resumida no slogan: "Golpear! Assassinar! Atirar!"

Em um momento muito importante, no entanto, uma nova vida parecia estar começando na Rússia. O ministro russo Stolypin (ele nasceu em Dresden!) Tentou construir um campesinato russo com base na propriedade privada europeia. Uma classe de camponeses orgulhosos de sua propriedade deveria apoiar uma futura recuperação do Estado agrícola russo. Mas Stolypin não teve tempo de deixar seus

planos amadurecerem. Ele foi morto a tiros por um judeu no teatro de Kiev em 1911.

Os tiros contra Stolypin iluminam imediatamente a situação. O judeu mata o criador de um forte campesinato! Com este assassinato, o espírito destrutivo e desenraizado do Judaísmo atingiu instintivamente o baluarte que se opõe a toda revolução, especialmente a cada reivindicação judaica de poder. Os tiros contra Stolypin mostram o mentor judeu por trás das revoltas na Rússia pré-guerra também. Mas este assassinato de Stolypin revela ainda mais: o judeu que atirou não era apenas um terrorista, ele também estava a serviço da polícia secreta russa com a tarefa de proteger o czar! Esse sempre foi o "trabalho" do judeu: ele se levantou contra a revolução sob a máscara de um homem honesto e ao mesmo tempo destruiu tudo que pudesse impedir a revolução.

Na Rússia do pré-guerra, também, o judaísmo desempenhou um papel de destaque nos movimentos subversivos. Em termos econômicos, estava quase inteiramente no controle do comércio de madeira, das exportações de grãos e dos empréstimos de dinheiro aos proprietários de terra russos. Mas o judeu se difundiu entre a população camponesa enquanto dono de tabernas de aldeia e comerciante de bebidas alcoólicas. O czarismo, que em várias ocasiões havia tomado medidas drásticas contra o trabalho subversivo judaico, seria derrubado a todo custo.

A derrota russa na Guerra Mundial de 1914-1918 abriu as portas para as forças destrutivas. A hora do judeu tinha chegado. Com a Revolução de Outubro de 1917, a

Rússia deixou de existir. Também já não se fala hoje da Rússia. E com razão.

A onda vermelha de 1917 lançou todos os elementos de aniquilação, desenraizamento e veneno judaico que se acumularam na Rússia. Para este propósito, novos grupos de judeus famintos por espólio, vieram de todos os países, prontos para criar para si próprios uma posição de poder a partir do qual o domínio mundial de Judá se realizaria. Daí o novo nome: URSS, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Aqui não havia mais povos, não havia mais Rússia; aqui só havia repúblicas soviéticas, às quais um novo território soviético após o outro se ligaria até que o objetivo fosse alcançado: a União Soviética Mundial.

II. O judeu: um eterno parasita e destruidor

Grande parte do mundo burguês via no bolchevismo uma visão de mundo que, a princípio, foi incondicionalmente condenada. Mas quando mais tarde ficou claro que o bolchevique poderia aparecer no exterior com um fraque, muitos estavam prontos para aceitá-lo como um fato russo. Uma propaganda inteligente fez o resto para enganar o mundo.

A máscara caiu. Atrás dela, visível para todos, está o eterno judeu. Portanto, não se pode ver o bolchevismo como uma manifestação de tempos modernos: ele é, em vez disso, o produto do pensamento judaico - é tão antigo quanto o próprio judaísmo.

Do Antigo Testamento ao Talmud, dos “gênios financeiros” dos reis e governantes, das grandes revoluções do mundo e do manifesto comunista de Mordecai-Marx às mais novas “criações” da raça judaica, uma linha conduz ao único objetivo do judeu: o estabelecimento da dominação mundial judaica. Só mudam os métodos e os disfarces, que se adaptam aos diferentes tempos e as respectivas situações.

O que o Velho Testamento diz?

“Você governará sobre muitos povos, mas nenhum deve governar sobre você.” E mais: Yahweh, o Deus dos judeus, obviamente sabe da “diligência” de seu povo eleito porque ele promete: “dar-lhes grandes e belas cidades, que não construíram, casas cheias de bens, que não encheram, poços escavados, que não escavaram, vinhedos e oliveiras, que não plantaram.”

Entretanto, é claro, que os trabalhadores que iriam construir tudo isso, não iriam desocupar voluntariamente o seu local de trabalho para que o judeu pudesse vir e levar uma vida gloriosa. Mesmo nesses casos, os judeus seguem às ordens do seu Deus cruel: eles assassinam, saqueiam e queimam tudo o que se opõe a eles.

Assim, o judeu apareceu como um povo parasita já nos tempos mais remotos.

Roubo, fraude, roubo seguido de assassinato de não judeus e a contaminação do sangue de outros povos, é obra do “povo eleito”, sobre o qual repousa a bênção de seu Deus Yahweh.

O judeu nunca construiu nada. A destruição sempre foi seu trabalho. Nas cidades mais prósperas, ele apareceu como pechincheiro e comerciante. Mas uma vez que tinha dinheiro e influência econômica, soube também adquirir poder. Ele subverteu de dentro para fora o povo anfitrião até que estivesse maduro para uma revolução, que lhes daria o poder. A revolução é a estrela de Judá, que iluminou as trevas sobre as cabeças de Israel e iluminará ainda mais", assim julga o historiador judeu H.Graetz em sua "História dos judeus".

Daí a revolução a qualquer preço! Nos estados europeus, era supostamente para possibilitar a democracia e, a partir desse trampolim, pular para uma ditadura bolchevique. Somente na chamada democracia o judeu encontrou a oportunidade - sob o manto da "liberdade de opinião" - de infectar a economia, a cultura e a política com o pensamento judaico. Aqui ele pode incitar as pessoas umas contra as outras sob o disfarce de um parlamentarismo irresponsável.

O domínio da imprensa permite-lhe dirigir a "opinião pública". Qualquer sentimento de dever e consciência de responsabilidade é rotulado de ridículo. Ele estimula os instintos mais baixos do povo. Estimula a cobiça e, sob o pretexto de uma vida paradisíaca, desperta os instintos destrutivos das massas. Ele volta as massas contra os grupos raciais de alta qualidade dos povos e destrói todos os sentimentos morais. Ele dirige as massas contra os grupos racialmente valiosos do povo e destrói todos os sentimentos morais..

Uma vez que o povo foi privado de suas classes dominantes por meio da autodestruição e da guerra civil, ele destruirá então as massas de pessoas sem líderes através do terror mais sangrento e estabelecerá a sua ditadura judaica.

Onde está a "ditadura do proletariado" que o judeu Mordecai tanto levou os trabalhadores traídos do mundo a acreditar? O trabalhador apenas mudou de mestre. Ele se tornou um escravo da exploração puramente judaica.

Pois, este é o grande crime de Marx: ele privou o trabalhador de qualquer alicerce da vida popular, degradou-o a um proletário internacional, que supostamente só tinha suas correntes a perder e um mundo a ganhar. Ele desencorajou o trabalho e prometeu ao proletário a aniquilação do capital internacional.

Um judeu, que tem tanto medo de um trabalho honesto mais que tudo, quer levar os trabalhadores a uma vida melhor. Um judeu quer liderar a luta contra o capital internacional que está nas mãos de judeus e é dirigido por judeus!

O judeu contra o judeu? Aqui, ele se mostra novamente em um ponto crucial como o grande mestre da mentira.

O próprio capitalismo internacional é apenas um dos meios judaicos para destruir as economias nacionais, para incitar o povo em guerras, para alcançar o poder.

Os nomes dos grandes bancos internacionais, os nomes dos corretores da bolsa e dos grandes grupos industriais mostram seus portadores como membros do "povo eleito".

A imprensa mundial judaico-capitalista, também elogia seus irmãos do outro lado, qualificando os escravistas da URSS, como os fundadores do Estado mais moderno do mundo.

Marx apenas organizou um novo ataque para Judá, quando ele quis criar a partir das massas de trabalhadores sem líderes uma tropa central que deveria pavimentar o caminho para a dominação dos judeus pela força armada. Na era da máquina que desponta, ele prega o ódio entre as classes, ou seja, a autodestruição de um povo, não para aliviar as dificuldades do trabalhador, mas para levar ao rompimento como necessário e imutável.

Foi duplamente fatal para o povo que, além da divisão social existente, havia também a falta de uma classe de liderança forte e uniforme em termos de sangue. Assim, o judeu explorou habilmente a desunião no sangue do russo. O elemento irrestrito da Rússia e seus parasitas judeus eram o melhor solo em que a semente bolchevique poderia crescer.

III. Chefes judeus e judeus na União Soviética

Mas quem forneceu o dinheiro para a revolução bolchevique na Rússia? Certamente, apenas aqueles cujos interesses foram atendidos nesta revolução!

Acima de todos os outros está o judeu americano Jacob Schiff, e todo um grupo de outros judeus como Warburg, Guggenheim, Loeb & Co, Kahn, Kuhn etc. No "estado-maior financeiro" dos bolcheviques.

Em 4 de abril de 1919, o "Jewish Chronicle", o órgão oficial dos judeus ingleses, declarou que era notável que tantos judeus também fossem bolcheviques. A razão era supostamente que os ideais do bolchevismo eram idênticos a muitos dos mais elevados ideais do judaísmo.

O judeu Cohen afirmou no jornal "The Communist" em 12 de abril de 1919:

"Podemos dizer sem exagero que essa grande revolução bolchevique foi de fato realizada apenas com a ajuda dos judeus. Foram os judeus que conduziram o povo russo ao novo amanhecer da internacional. Eles não apenas dirigiram o destino dos soviéticos, e ainda hoje o fazem, mas certamente continuarão a ter essa liderança em suas mãos. A estrela vermelha de cinco pontas, que já foi o símbolo do judaísmo e do sionismo, é hoje o símbolo do bolchevismo, o símbolo que promete a vitória".

Os judeus haviam de fato conquistado uma grande vitória para si mesmos na Rússia em 1917. O grande destruidor Lenin, que permitiu que sua porção de sangue tártaro se manifestasse plenamente, já estava cercado por judeus.

Seu conselheiro mais próximo foi o judeu Bronstein-Trotsky, que mais tarde foi deposto. Este judeu tornou-se famoso quando mandou massacrar todos os que não se curvaram à sua ditadura militar bolchevique. Ele se considerava um grande estrategista e atribuiu a si mesmo a supressão da contra-revolução liderada por generais leais ao Czar. Mas ele não fez planos para a luta nem venceu nenhuma batalha por meio de sua bravura pessoal.

Ele apenas se sentou, como os judeus costumam fazer, e mandou os oficiais russos lutarem e depois os colocou contra a parede para ganhar fama de uma forma barata.

Após a morte de Lenin, outro não judeu mas em sua essência, um judeu por opção, tornou-se o executor dos planos judaicos: o terrorista e criminoso Stalin.

Resumindo, seu passado é assim: roubo em 1905 de um transporte de dinheiro em Tblissi. Resultado: 700.000 rublos, 34 mortos. Chefe dos bolcheviques do Cáucaso, atividade de propaganda ilegal. De 1908 a 1917 ele foi exilado para a Sibéria seis vezes, mas conseguiu escapar todas as vezes. Ele possui uma fome desenfreada pelo poder e vive uma vida fora do casamento com a filha do judeu Kaganovitch. Ele destruiu o campesinato russo por meio de sua coletivização forçada. Por meio da perseguição e assassinato, livrou-se de todos os seus oponentes e soube manter-se no poder até hoje. Seus discursos são escritos pelo judeu Kaganovitch.

Quando se sente ameaçado, o sangue dos outros começa a fluir. Uma onda de assassinatos segue a outra. Seu desejo por assassinato leva a um medo ilimitado por sua própria vida. É protegido por vários agentes da GPU. o que representa uma ascensão lógica de ladrão de estrada a chefe do Estado soviético judeu-bolchevique.

O braço direito de Stalin é o judeu Kaganovich, acima mencionado. Ele é a força motriz por trás da colocação de judeus em cargos importantes. Ele trouxe quatro de seus irmãos para os mais altos cargos do Estado.

Ele domina o extermínio implacável de todos aqueles que acreditam que os russos deveriam estar em posições de liderança.

Contudo, ele nomeou Yezhov para chefe do departamento de pessoal do Comité Central. E Yezhov executou fielmente a política pessoal de seu chefe judeu e colocou muitos judeus em posições de liderança.

O instrumento de Stalin para permanecer no poder é a GPU. Provavelmente descartou seu nome original, "Tcheka" porquê se tornou muito vergonhoso no exterior. Fundado pelo sádico polonês Dzerjinsky, que usa principalmente judeus como ajudantes e algozes: os judeus Menjinsky e Yagoda foram seus líderes.

Yagoda teve a ideia de utilizar prisioneiros da GPU para construir enormes estruturas estatais. Quando Leningrado estava para ser conectada ao Mar Branco, centenas de milhares de trabalhadores foram necessários. Yagoda forneceu esses trabalhadores. Prisões seguida de prisões e logo 2,5 milhões de "criminosos políticos" estavam trabalhando na construção do canal. Durante os três anos de construção, centenas de milhares de pessoas inocentes pereceram.

Yagoda fez da GPU um Estado dentro do Estado: mas um dia ele se tornou poderoso demais para Stalin e teve que seguir o mesmo caminho que tantas de suas vítimas inocentes haviam seguido.

Seu sucessor foi o já mencionado Yezhov, que agiu com tanta energia e paixão que seus antecessores o teriam invejado.

Foi ele quem realizou o grande expurgo no exército, do qual foram vítimas oficiais de todos os ramos. Quer sejam os sucessores de Yezhov na liderança da GPU Beria ou não, todos eles são judeus ou criminosos filiados a judeus.

O judeu húngaro Béla Kun era um membro digno desses subumanos judeus. Ele é responsável pelas atrocidades na Hungria em 1919, financiou os crimes comunistas de Munique em 1919 e, provou ser o infame carniceiro na Crimeia para Stalin, que encontrou nele um assistente útil para novas atrocidades.

Como instrumento de assassinato de Stalin, a GPU, era dominada por judeus, o mesmo ocorre com todas as outras esferas da vida pública no paraíso soviético. 14 judeus fazem parte do gabinete soviético. Molotov é casado com uma judia, cujos laços familiares levam às altas finanças de Nova York. Litvinov-Finkelstein e Maisky são citados como exemplos de emissários judeus no exterior.

A economia estatal de mercadorias é completamente dominada pelos judeus. O Comissariado do Povo para a Indústria de Armamentos, criado em fevereiro de 1939, é ocupado por hebreus em todas as 52 posições-chave. Na área do Comissariado do Povo para a Indústria Ligeira, 58 judeus são diretores de obras industriais, 56 chefes de departamento de fábrica, 32 engenheiros-chefes e 18 presidentes de sindicatos.

Todos os funcionários responsáveis pelas finanças são judeus e, portanto, vai para todas as agências bancárias da União Soviética.

Eles sempre tiveram uma grande influência na imprensa soviética.

O chefe da empresa de notícias “Tass” é, obviamente, um judeu, I. S. Chawison e todos os outros cargos de liderança são ocupados em conformidade.

“Izvestia” e “Pravda”, os órgãos oficiais do governo soviético e do Partido Comunista, estão a ser inundados por judeus. O mesmo acontece com o resto da imprensa soviética.

A ciência soviética está em toda a sua amplitude infectada pelos judeus. Só em 1940, 699 judeus foram confirmados como professores universitários, 174 como colegas de trabalho científicos e, 202 como professores. A arte em todas as suas áreas é igualmente judaica.

O judeu Mordecai-Marx inventou o marxismo e o transformou em doutrinas áridas; Os judeus colocaram em prática sua construção anêmica na União Soviética e chamam isso de bolchevismo; Os judeus transformaram a ditadura do proletariado na ditadura de Judá, sem a qual o sistema bolchevique não pode ser compreendido.

O fato de os judeus terem ocasionalmente sido vítimas dos contínuos julgamentos de fachada foi interpretado erroneamente como um sinal de um novo despertar. É apenas uma luta pelo poder dentro da própria camarilha judaica e dentro do aparelho bolchevique dos burocratas.

A camarilha judaica em torno de Stalin domina 180 milhões de pessoas. Mas onde está o trabalhador russo, o camponês russo, para quem a revolução bolchevique prometeu um futuro radiante?

IV. Industrialização!

A revolução judaico-bolchevique tinha sido ganha. O país encontrava-se num estado inimaginável de desorganização. No Kremlin, Lenin esperou pela revolução mundial. Mas a esperança das revoltas instigadas na Europa Ocidental não se concretizou. Gradualmente tornou-se claro para os governantes judeus que a dominação mundial só poderia ser alcançada por meio de uma nova conflagração mundial.

A Rússia é um estado agrícola. Embora já tivesse uma indústria metalúrgica em sua parte ocidental, concentrada em alguns pontos, teve um papel insignificante em relação à agricultura. Isso deveria mudar. As indústrias das grandes potências econômicas do Ocidente deveriam ser alcançadas e superadas.

No centro do planejamento estava a indústria pesada. O objetivo principal era armar o Exército Vermelho para uma guerra revolucionária mundial que se aproximava. Toda a economia da União Soviética serviu apenas a esse objetivo.

Uma industrialização precipitada começou. Foram traçados planos quinquenais com as produções a serem realizadas. Surgiram gigantes industriais. Números recordes foram anunciados ao mundo, que olhava a tudo espantado.

Entretanto, de fato, qual era a realidade?

“Estamos todos aqui juntos e em vez de lidarmos com as condições reais realmente tristes da nossa economia e de tomarmos providências para a sua melhoria, estamos ocupados a acusar-nos uns aos outros. O mais vergonhoso nisto é que todos nós sabemos que todos estão a mentir, e que por isso todos estamos deliberadamente a mentir uns para os outros”.
(Albrecht, O Socialismo Traído, p. 189.)

Esta afirmação não vem de um jornalista, mas sim de um Comissário do Povo da Agricultura, como membro da comissão de controle, que declarou de uma vez as circunstâncias de forma objetiva.

Nos anos de 1928/29, esses homens violentos que haviam chegado ao poder na província durante a guerra revolucionária prevaleciam em números crescentes. Como mercenários judeus, eles não tinham qualquer tipo de especialização e qualquer responsabilidade pessoal.

Gradualmente, eles chegaram aos escritórios centrais do Partido Comunista. Eles foram os promotores de todos os planos gigantes. Qualquer oposição a esses incompetentes foi declarada sabotagem.

Gigantescas obras estavam em curso. Em meio a um caos absoluto, obras industriais da maior magnitude foram empreendidas, antes mesmo que a existência de uma base de matéria-prima suficiente fosse provada.

Enormes quantidades de materiais de construção foram desperdiçadas inutilmente, porque muitas dessas instalações não puderam ser concluídas, pois, as alegadas fontes de matéria-prima locais nunca existiram. Gigantescas usinas elétricas foram construídas em áreas remotas e inacessíveis, cuja produção de energia não pôde ser usada por anos. Frequentemente, não era possível pensar no trabalho regular porque simplesmente não havia trabalhadores qualificados. Máquinas complicadas foram compradas de todo o mundo: quando chegaram, logo se tornaram inúteis por não ter trabalhadores com formação.

“Prédios industriais semi-acabados, incontáveis cemitérios de máquinas, enormes montanhas de peças rejeitadas, inúmeras reclamações da população sobre produtos industriais inferiores entregues... Esse é o resultado final, esse caos econômico”.
(Albrecht, página 198.)

Essa economia planejada burocrática, junto com as fantasias bolcheviques sobre o futuro, produziu um efeito de manipulação mentiroso.

Os números das fábricas eram meros “números em potencial”. A escassez de hoje deveria ser superada pelas possibilidades do amanhã. Até mesmo os números de produção alcançados não dizem nada, pois, todos os rejeitos estão incluídos nos números. Em 1940, a produção de rejeitos nas obras de engenharia mecânica foi estimada em mais de 2 bilhões de rublos.

Não é à toa, que o slogan que sufocava qualquer responsabilidade era: o risco econômico é do Estado. Tudo pertence ao Estado, tudo é pago pelo Estado.

Nada é de minha propriedade, nunca exerço atividade econômica independente. A compulsão para cumprir o plano levou o diretor da fábrica a produzir aleatoriamente. Se os produtos eram vendidos ou podiam ser usados, não o interessava.

Outra característica típica do sistema soviético é a adoração cega pela tecnologia. Só o que é grande e poderoso, com o qual pode se exibir, é importante.

No entanto, esse caos incurável deve ser visto em parte como um fenómeno transitório, em parte como típico das indústrias que não trabalham principalmente para o armamento.

Os ricos recursos naturais, as possibilidades inimagináveis oferecidas pelo enorme espaço subdesenvolvido e o chicote dos capatazes judeus, apesar de tudo, possibilitaram, uma indústria de armamento que produz enormes quantidades de armas de todo tipo. Os milhões de mortos e a fome da população não contam.

Toda a URSS

“Nada mais é do que uma enorme fábrica de armas à custa do padrão de vida das pessoas. Uma fábrica de armas contra a Europa. ”

(Adolf Hitler no seu grande discurso de 3 de Outubro de 1941)

Uma das maiores deficiências da economia soviética era que carecia completamente do tipo de trabalhador, sereno e atencioso. O bolchevismo tinha feito de tudo para criar uma massa sem raízes, livre de todos os laços. Com clara premeditação, criou-se uma atmosfera de desconfiança e suspeita que dominou tudo. Em tal clima, entretanto, o entusiasmo pelo trabalho e o compromisso não prosperam.

Finalmente, outros países deveriam ajudar. Os especialistas vieram. Durante vários anos, empresas estrangeiras obtiveram permissão para construir fábricas. Mas logo foi descoberto que os especialistas estrangeiros fracassaram assim que foram forçados a se manter contra as massas.

“O ritmo uniforme da massa humana nas operações soviéticas simplesmente não permite que o indivíduo nade contra a corrente. ” (Albrecht, página 220)

Os grandes sacrifícios que o bolchevismo exigia dos trabalhadores nunca poderiam ser realizados, porque a ociosidade desse sistema econômico consome grande parte da produção de trabalho produtivo Por exemplo, durante anos alguém reclama na imprensa soviética

sobre a sobrecarga numericamente comprovada dos trilhos. Essa sobrecarga é, em um grau muito substancial, causada pelos chamados transportes cruzados. Ou seja, porque as mesmas mercadorias que são transportadas do distrito A para o distrito B são ao mesmo tempo transportadas do distrito B para o distrito A.

De acordo com os cálculos dos especialistas, cerca de 50% dos transportes nos trilhos soviéticos poderiam ser completamente abandonados. Isso inclui, por exemplo, o transporte de carvão por mais de 1.000 a 4.000 quilômetros, durante os quais mais carvão é queimado do que transportado.

A economia bolchevique é uma economia sem responsabilidade para com o povo, sem verdadeiras forças criativas. A atribuição do funcionário substitui a responsabilidade do empresário. Uma quantidade infinita de trabalho é desperdiçada nesta economia.

Mas apesar da gestão então inconcebível, apesar de todas as montanhas de rejeitos, apesar das muitas fachadas sem sentido, duas décadas de exploração dos ricos recursos naturais e do aperto dos vastos recursos humanos criaram uma indústria de armamentos que produziu milhares de aviões, dezenas de milhares de tanques e canhões, que enchem os arsenais com armas de todo tipo, desde o cartucho de gás à bala dum-dum.

V. O Trabalhador na União Soviética

A União Soviética se industrializou em um ritmo alucinante nos últimos 10 a 15 anos.

Mas esse ritmo foi comprado com a miséria, com as lágrimas e a morte de milhões de pessoas.

Slogan do Estado Social

O trabalhador deve criar simultaneamente para si e, além disso, para toda a população de sua "pátria proletária" uma vida alegre e feliz.

O trabalhador soviético não conhece nenhuma necessidade, nenhuma exploração: pois, tudo o que ele produz, é produzido "voluntariamente". Ele é supostamente o beneficiário de toda a produção de seu trabalho. A mais-valia que flui para os bolsos dos empresários nos países capitalistas não existe na União Soviética. É dito que foi dissolvido em salários mais elevados e justos, bem como em um bem-estar social sem precedentes no mundo.

Essa é uma das frases táticas de camuflagem bolchevique.

O despertar após o primeiro frenesi de liberdade foi terrível. Até Lenin teve que admitir "que a ditadura do proletariado trouxe miséria e privação para a classe dominante como nunca antes visto. A fome levou as pessoas para onde pudessem fugir. A classe trabalhadora nunca sofreu tanto quanto nos primeiros anos de sua ditadura".

(Lenin. Obras coletadas, Volume 18, página 128)

Mas essas constatações não melhoraram a situação do trabalhador, que no estado de compulsão de Moscou deveria realizar os planos da camarilha judaica no Kremlin sob dolorosas privações.

A propaganda judaica era mestre em enganar a classe trabalhadora. Despertou a ideia de que apenas um esforço temporário renunciando aos desejos pessoais era necessário para superar todas as necessidades. Isso criou uma barreira em torno da União Soviética que os trabalhadores não poderiam atravessar.

Eles foram enganados e informados de que o trabalhador fora da União Soviética estava muito pior, e que esperava a libertação por meio do bolchevismo. O ódio contra o mundo exterior supostamente anti-operário foi cultivado, e a partir desse ódio e esperança por dias melhores o trabalhador foi estimulado a um esforço cada vez maior.

Não, ele não era o patrão como a chamada constituição proclamava, ao contrário, o judaísmo ditava suas condições de trabalho.

Anteriormente, o trabalho discográfico havia sido retratado como uma invenção diabólica dos capitalistas: criado exclusivamente para explorar o trabalhador. Depois que o bolchevismo consolidou seu poder por meio de um sistema brutal de terror, ele desconsiderou os interesses dos trabalhadores e explorou impiedosamente a força de trabalho Um desses meios de incentivo era o Sistema Stakhanov.

Em agosto de 1935, o até então totalmente desconhecido mineiro Stakhanov, de extraordinária força física, foi levado para uma mina de carvão na Bacia do Donets, após minucioso preparo com drogas. Stakhanov então, sem fazer nenhum trabalho paralelo, alcançou um recorde como nunca antes havia sido registrado.

Em vez de uma realização média de sete toneladas de carvão, neste dia ele teria alcançado uma realização recorde de 109 toneladas. Mais tarde, ele desmaiou fisicamente.

Imediatamente, o aparato de propaganda soviético começou, elogiou este desempenho recorde como um acontecimento muito decisivo e exigiu que se tornasse a base do trabalho na indústria de mineração. Os salários foram reduzidos e o desempenho aumentou muito. Mas os trabalhadores logo perceberam a fraude e, em vez do esperado aumento de produtividade, os números planejados nem chegaram perto de serem atingidos. A mesma imprudência também fica evidente na segurança do trabalho. Provavelmente, nenhum trabalhador no mundo deve trabalhar sem quaisquer recursos de segurança nas máquinas ou nas minas como o trabalhador na União Soviética. Portanto, os acidentes aumentaram. Um mineiro francês retrata as condições em uma mina da seguinte forma:

“Durante nossa visita, nós admitimos abertamente, ficamos com medo. Os tetos das minas são permeáveis e rompidos. A madeira é péssima. Em nossa opinião, o perigo era tão grande que nem nos atrevíamos a ir ao local da demolição. Posso garantir que na França nenhum mineiro trabalharia nessas condições.” (Cleber Legay, “Um amigo francês com os russos”)

Foi anunciado ao mundo que a jornada de trabalho de sete horas era uma das maiores conquistas da ditadura bolchevique. Mas os judeus puxaram as rédeas com mais força ainda. Os trabalhadores tinham que trabalhar de 10 a 14 horas durante o dia sem receber maiores salários por hora extra.

O trabalhador soviético está totalmente sujeito à lei do trabalho forçado. Se ele perder o emprego pela menor falha que seja, ele não receberá mais cartões de alimentação e deverá deixar sua residência. Os famosos "asilos de sem-teto", simples cabanas de madeira, são então seu refúgio.

Na verdade, uma pequena porcentagem ganha algo decente com o Sistema Stakhanov, mas o número desses trabalhadores é extremamente pequeno em comparação com a grande massa. Segundo o próprio Stalin, o salário mensal do trabalhador era em média de 287 rublos em 1938, o que, na melhor das hipóteses, corresponde ao poder de compra de um salário alemão de 60 a 70 Reichsmark. Mas mesmo em tempos de paz, a disponibilidade de mercadorias era tão pequena que mesmo esse pequeno poder aquisitivo não podia ser usado.

Stalin certamente não se aprofundou muito sobre os salários mensais. No entanto, se um par de sapatos de couro custa cerca de 200 rublos e um terno de baixa qualidade de 400 a 600 rublos, o trabalhador médio é privado como comprador de mercadorias. Ele deve cobrir suas necessidades nas lojas estatais, que vendem apenas o essencial para a vida com cartões de racionamento e a preços altos, e esses produtos são, em sua maioria, da pior qualidade. Mas o trabalhador tem os sindicatos como representantes de seus interesses: Contudo

"Estes sindicatos não estão em condições, nem consideram como sua tarefa, aliviar de modo algum as duras condições de trabalho de vida dos seus membros. São totalmente indiferentes ao bem-estar e ao infortúnio do trabalhador". (Albrecht, página 69)

Os governantes bolcheviques os usam para realizar as tarefas de produção das fábricas. Como todos os cargos nos sindicatos são ocupados por pessoas de confiança, que acima de tudo também são vigiadas de perto pela GPU, ninguém precisa se preocupar que o verdadeiro estado de espírito dos trabalhadores chegará ao público por meio dos sindicatos.

Um membro do sindicato, entretanto, tem um direito. Em reuniões, ele pode denunciar sem fundamento as pessoas que de alguma forma se tornaram impopulares. Não é à toa que, nessas circunstâncias, ninguém almeja um cargo de liderança na fábrica, pois, qualquer superior desaparece após tal denúncia, se não tiver amigos poderosos.

A GPU também trabalha em estreita colaboração com esses sindicatos. Um arquivo preciso é mantido sobre cada membro do sindicato. Se alguém tem algum motivo para esconder algo do seu passado, talvez porque foi anteriormente um empresário, padre ou oficial, então isso vaza em alguma ocasião e é anotado no arquivo.

Durante os grandes expurgos da economia, que são conduzidos repetidamente em determinados intervalos, é fácil enviar essas pessoas como inimigas do Estado para os campos de trabalhos forçados da GPU.

Os sindicatos soviéticos são, portanto, órgãos auxiliares da GPU. Por todos os países do mundo, o bolchevismo promove a greve, a ocupação das fábricas, e o terrorismo daqueles que querem trabalhar como arma da luta de classes do proletariado.

“O uso de tais meios de luta dentro do território soviético nunca pode ser mencionado”.

(Albrecht, página 79)

Nenhuma de todas as promessas dos governantes judeus se cumpriu. A vida feliz é conduzida pelo burocrata, o judeu, às custas do trabalhador. O trabalhador soviético é o mais mal pago de todos os trabalhadores do mundo e deve viver nas condições mais miseráveis. Ele se tornou, como o camponês, o escravo do judaísmo internacional, que o atrelou ao vagão da revolução mundial judaica.

VI. O caminho do camponês russo

Todas as riquezas deste império mundial pertencem ao povo, o solo acima de tudo, seja o que for que ele carregue ou possua, assim como todos os frutos do trabalho: isso é o que está na constituição do Estado Soviético.

A realidade, entretanto, parece um pouco diferente. Com seu slogan mentiroso: “Toda a terra para o camponês”, Lenin havia em 1917 desencadeado revoltas camponesas por toda zona rural.

O camponês russo, em sua grande maioria, sempre foi um pobre coitado, sedento por terras. Agora ele agarrou. Terras do Estado e terras dos herdeiros foram tomadas e divididas.

As propriedades camponesas "comuns" deveriam ser poupadas à socialização. Mas o que eram "propriedades camponesas comuns"? Uma pessoa considerou 20 “morgen” [12 a 18 acres] de terra fértil já constituindo uma grande propriedade, para outra não. Lenin usou essa ambiguidade para atingir seu objetivo: ele instigou a confusão entre os camponeses.

De repente, dependendo do tamanho da propriedade, na aldeia uma distinção era feita entre pequenos arrendatários e agricultores “anões”, criados sem terra e "kulaks" [kulak = ex-grandes agricultores destruídos pela colectivização], o que deixava um amplo campo aberto à arbitrariedade .

O ódio e a inveja se espalharam entre os camponeses. O preguiçoso olhou com olhos invejosos para o capaz. Cada um pegou o que pôde. Era uma luta sangrenta. Assim, a ordem no campo foi destruída para ganhar o controle do camponês, pois, Lênin, não tinha intenção de criar um campesinato forte. Pelo contrário, ele via a criação de um forte campesinato como o maior perigo para se alcançar o ideal comunista. Seu slogan: “Toda a terra para o camponês” era apenas para manter os camponeses quietos durante a luta contra Exército Branco.

Pois, o que seria da revolução bolchevique na Rússia se um campesinato forte e livre tivesse se levantado contra o bolchevismo e seus ajudantes judeus?

Portanto, a luta do judeu, que sempre foi adversário de qualquer assentamento, buscava a destruição do campesinato.

Junto com Lenin, Trotsky era um inimigo ferrenho dos camponeses. Ele sabia que garantir suprimentos para seus exércitos da última revolução mundial estaria nas mãos dos camponeses, tal como tinha acontecido com as tropas da guerra civil. Durante a guerra civil, os camponeses esconderam seus cavalos, gado e suprimentos de grãos em florestas inacessíveis. Além disso, muitos campos foram deixados sem cultivo. O país começou a sentir fome.

Então, em 1918, Trotsky, lançou seu bandos armados contra a aldeia. Eles deveriam obter grãos e "garantir para a cidade" carne e outros alimentos. Este método foi um sucesso completo. Queimando e assassinando, a escumalha invadiu o país e roubou o último pão até mesmo do camponês mais pobre.

E este é o relato de um camponês russo sobre essa coleta forçada:

"Mas então, eu me lembro claramente daquela manhã de julho, a peste bolchevique veio de repente e com ela vários assassinos. Eles invadiram nossa aldeia. Alguns bolcheviques, ex-presidiários, formaram imediatamente um conselho de aldeia e, com a ajuda de canalhas judeus, no mais curto espaço de tempo limparam as fazendas e barracas.

Nada nos restou, nenhum cavalo, boi, porco e galinha; roubaram tudo, até nossas camas e nossos poucos pertences. Três sujeitos grandes e fortes, que resistiram aos soviéticos durante a pilhagem de suas fazendas, foram assassinados de forma bestial.

Nós venderemos seus produtos no interesse do estado, você receberá o dinheiro por isso depois!

Eles gritaram zombeteiramente para nós. Nunca recebemos um rublo por nossos bens ganhos com tanto esforço. A única coisa que nos deixaram foi um grãozinho que ficou nos nossos campos. Ao cair da noite, dormíamos como mendigos sob o mesmo teto, que também não nos pertencia mais. O conselho da aldeia ficou apenas alguns dias. Quando a última vaca, o último cavalo e a última carroça, carregada de móveis e roupas, deixaram nossa aldeia, ele também desapareceu. ”

Diante dessa angústia, o camponês recorreu ao único meio que ainda lhe restava: só plantava o que precisava com urgência. O rendimento por hectare diminuiu e por fim a fome reinou no campo e na cidade. Entre 1920 e 1922, pelo menos cinco milhões de pessoas morreram de fome (de acordo com números soviéticos). Mas o judeu não precisava apenas dos grãos para se alimentar, ele queria se armar mais e, portanto, os grãos deveriam trazer dinheiro. Assim, o regime soviético decidiu dar um passo diametralmente oposto a um dos ensinamentos bolcheviques, bem como à política anterior. Em 1921, introduziu a NEP, a “Nova Política Econômica”. Agora Lenin queria “satisfazer a qualquer preço os desejos dos camponeses”. Foi introduzido um imposto sobre bens naturais. O que restava ao camponês depois de entregar esse imposto, ele podia vender livremente, e a produção de grãos imediatamente aumentou novamente.

“Fomos deixados em paz por quatro anos”, disse um camponês aos nossos soldados alemães sobre esse tempo. “Durante esse tempo recomeçamos desde o início e não nos deixamos abater. Gradualmente, a prosperidade voltou à nossa aldeia.

Tínhamos de novo cavalos, galinhas, móveis de novo, ainda que primitivos, o que tornava nossas fazendas habitáveis. As mulheres voltaram a sorrir e nós, rapazes, estávamos novamente prontos para nos divertir."

Quando Stalin chegou ao poder em 1924, ele viu claramente o perigo que um forte campesinato representava para o Estado judeu. Frequentemente, ele se gaba de ser asiático e, então, recomeçou a luta do nômade contra o colono. Além disso, Stalin percebeu que uma revolução mundial só poderia ser alcançada por meio de uma nova guerra mundial. Portanto, foi necessário construir uma indústria para produzir as armas. À custa de quem deve esta industrialização ser feita, se não às custas dos camponeses? De onde deve vir a força de trabalho, se não do campo?

Portanto, "eliminação" dos camponeses!

O "grande coletivo" rural deveria substituir a "pequena economia camponesa atrasada". O livre comércio limitado permitido pela NEP foi novamente abolido.

Após a expansão da infame GPU, a camarilha judaica em torno de Stalin sentiu-se forte o suficiente para esmagar a esperada resistência contra essa campanha de aniquilação e realizar a "socialização" dos camponeses.

O camponês deveria primeiro perder seus direitos. Stalin fez isso por meio de uma reforma eleitoral. O trabalhador industrial obteve cinco votos, o camponês, um. Assim, garantiu à "cidade numericamente mais

débil os mesmos direitos que da zona rural". Sendo assim, qualquer camponês que empregasse mais de dois trabalhadores estrangeiros, não era mais um camponês, e sim um "explorador", um kulak.

Ele perdeu o direito de votar. Stalin, assim, esmagou a influência política que o campesinato poderia ter sido capaz de ganhar. Pois, de acordo com a opinião dos figurões soviéticos, os camponeses são:

"Os mais perigosos inimigos de classe. Não faz mal nenhum se algumas dezenas de milhões de camponeses forem exterminados. Antes que o camponês, nosso inimigo mortal, nos devore, devemos acabar com ele para sempre. A coletivização é o nosso meio de subjugar o camponês. Não descansaremos até que o último camponês seja colocado em nossa coletivização ou neutralizado para sempre."

(Albrecht, página 248)

O caminho para o coletivo era o caminho do camponês para a escravidão! Certamente, os trabalhadores rurais sem posses eram fáceis de trazer para o coletivo. Eles vieram com a perspectiva de uma vida despreocupada e sem a menor chance de perder nada. Mas o camponês eficiente, que tinha entregue os excedentes nos anos anteriores, não foi lá.

Eles novamente deixaram seus campos sem cultivo e, novamente, a partir de 1929 a fome atingiu o país. Stalin então recorreu aos meios mais severos, "a eliminação do kulak como classe". Ele viu como única saída o extermínio dos kulaks.

Em 1930, ele enviou tropas de assalto do partido ao campo, e o número de propriedades estatais aumentou. Um camponês descreve este serviço das tropas de assalto:

“Os canalhas e funcionários judeus saquearam nossas fazendas novamente e não nos deixaram um prego. Mais tarde, fomos levados para a praça da aldeia. Um judeu fez uma lista de todos os que frequentaram uma escola superior ou estiveram no exterior. Horas depois, tiros revelaram o que havia sido feito com os inocentes. Os soviéticos suspeitavam de qualquer pessoa com alguma inteligência. Após dias de viagem com fome, fomos reassentados a cerca de 100 quilômetros de nossa aldeia. A área que deveríamos cultivar era um verdadeiro deserto. As residências que nos deram eram cavernas de barro miseráveis. No início não havia nada, nem mesmo uma tábua, nessas cavernas miseráveis. O buraco, onde moravam 11 pessoas, tinha cinco metros de comprimento por quatro de largura. Foi assim que nos tornamos camponeses coletivos.”

Sofrendo de fome e frio, essas pessoas, que haviam sido forçadas à escravidão, tornaram a terra fértil.

Mesmo onde o coletivo foi estabelecido em terras que antes estavam sob o arado dos camponeses, os camponeses não se saíram melhor.

Eles não tinham mais direito à colheita a partir da produção do solo. Com exceção de um pequeno terreno próprio, de apenas alguns metros quadrados, tornaram-se totalmente internos do Estado, que os tratava como bem entendia e, acima de tudo, sempre apertava o cinto da fome quando parecia apropriado.

Os camponeses eram pagos por dias de trabalho, embora dias de trabalho não seja necessariamente o mesmo que uma jornada de trabalho, porque há empregos que não encontram as qualificações para serem contabilizados como trabalho diário.

Portanto, o camponês tem apenas cerca de 195 dias de trabalho por ano. Para isso ele recebe 300 g de grãos por dia de trabalho no distrito de Slupz, ou seja, 120 kg por ano. Além disso, o camponês também recebe o pagamento em moeda, porém, calculado de forma diferente com base no rendimento da colheita, província e região. Seu cálculo é feito de forma centralizada.

A fraude dos chefes da organização é, portanto, desenfreada. O camponês recebe entre 120 e 150 rublos, portanto, uma soma que corresponde ao poder de compra de 12 a 15 Reichsmark. Isso em um ano inteiro!

O que mais o governo também faz? Paga ao camponês coletivo 11 rublos por 100 kg de grão que lhe foi retirado. O mesmo governo, entretanto, vende o pão ao mesmo camponês por 0,90 a 1,20 rublos o quilo.

Aqui fica evidente a dupla fraude perpetrada contra o camponês: na prática, o oficial bolchevique tira de 120 milhões de camponeses o rendimento de seu trabalho sem pagamento, vende o pão de volta ao camponês a um preço tremendamente inflacionado, e o lucro vai para a grande conta da revolução mundial.

Mas esse é apenas um dos caminhos pelos quais o camponês é levado à miséria. Uma grande porcentagem dos camponeses foi simplesmente declarada kulaks e enviada para campos de trabalho gigantescos nas regiões subdesenvolvidas da União Soviética. De uma aldeia ao sul de Smolensk, 68 de 200 camponeses foram deportados como kulaks; de outra, 54 de 112 camponeses.

O alcance dessas deportações é revelado por uma disputa que eclodiu em 1930 entre as autoridades locais e a administração central do sistema de transporte.

As autoridades locais acusaram a liderança do transporte de sabotagem, porque não conseguiram trens suficientes para a deportação dos kulaks. A administração central assinalou que 18.000 vagões ferroviários foram exigidos apenas no ano de 1930, mas que nada disso havia sido previsto no plano e que eles não poderiam amarrar todo o seu material rodante a comboios de exílio e perder todos os seus horários!

Mas qual foi o sucesso da coletivização? O espectro da fome assombrou as áreas mais férteis da União Soviética. A colheita teve que ser assegurada com a ajuda do Exército Vermelho. Qualquer camponês que guardasse até mesmo um punhado de grãos além da pequena quantidade permitida era fuzilado.

Para que serve tratores e máquinas agrícolas se não houver trabalhadores qualificados suficientes para eles e as peças sobressalentes necessárias não puderem ser adquiridas.

E mesmo que houvesse arados, sementes, tratores e trabalhadores qualificados suficientes, ainda havia resistência passiva dos camponeses expropriados.

Repetidamente, foi uma luta para garantir a colheita - Essa luta foi em 1934 "travada como uma ofensiva militar". O povo passou fome e roubou, roubou para preservar a vida.

A grande fome no inverno de 1932/33 matou cerca de 6 milhões de pessoas. Naquele mesmo inverno, a União Soviética exportou quase 2 milhões de toneladas de grãos! Os judeus exportaram, mesmo que mais camponeses morressem de fome como resultado. Os grãos trouxeram moeda, a moeda trouxe máquinas e certas matérias-primas para a indústria pesada, e a indústria pesada forneceu armas para a futura União Soviética mundial. "Suponhamos", disse o representante dos comunistas americanos, Sklar, "que mais seis milhões de pessoas morreram de fome, o que isso quer dizer? É apenas o preço do comunismo! "

Para os judeus, os camponeses são apenas matéria-prima da revolução mundial, nada mais. Visto que eram um perigo para os judeus como camponeses, ele assassinou milhões deles. Qualquer sentimento camponês foi destruído nos que sobraram. Assim, o judeu pressionou o modelo insubstancial das massas soviéticas de pessoas que não sabem nada de si mesmas, nenhuma alegria em criar, nenhuma responsabilidade. Com o extermínio da liderança e da inteligência, o judeu criou o "homem" de massa, o tipo de homem soviético.

VII. A família soviética

Trabalhadores e camponeses foram espremidos como componentes vazios nas engrenagens da máquina estatal soviética. O ódio judaico contra tudo o que cresce organicamente também destrói a célula de qualquer estado saudável, a família. Todas as emoções que elevam espiritualmente o homem e o prende interiormente a uma vida familiar, deve ser arruinado, se o Estado bolchevique quiser sobreviver.

O judeu claramente percebeu isso. "A revolução é impotente enquanto existir o conceito de família e laços familiares." Conseqüentemente, ver no casamento um vínculo de tipo espiritual ou moral foi fortemente combatido como um preconceito burguês ou capitalista.

De acordo com a Constituição de Stalin de 1936, a mulher recebeu os mesmos direitos que os homens em todas as esferas da vida. Ela deveria ajudar a cumprir a revolução proletária. Isso significa nada mais do que a mulher foi abandonada e assimilada à máquina soviética. Sua autoconsciência de valores morais foi lentamente sendo eliminada.

O grande aliado dos bolcheviques era a dificuldade econômica, o pequeno salário do trabalhador. Só para sobreviver mal, a mulher tinha que entrar na fábrica e, como tinha os mesmos direitos que o homem, também podia realizar trabalhos pesados de homem.

“Se você vai a uma fábrica ou a uma oficina de trator, vá a um salão onde são processadas peças de máquinas em altos-fornos, e quem você vê lá? Trabalhadores robustos? - Não! - Mulheres! Mulheres com roupas leves e com braços e pernas descobertos trabalhando nos altos-fornos. E se você lhes expressa espanto, então alguém lhe diz que essa é a grande conquista da mulher, que ela conquistou o direito de fazer o trabalho dos homens.”

(Viktor Boret, “O paraíso infernal”)

E como fica a casa da mulher após um trabalho exaustivo? Milhões de camponeses expropriados foram enviados à cidade para suprir a escassez de trabalhadores industriais. As cidades não estavam à altura desse influxo. O governo soviético não pensou em fornecer qualquer tipo de moradia para essas pessoas.

De fato, aqui e ali foram criados alguns novos alojamentos, mas estão longe de ser suficientes. Nos novos centros industriais, quartéis miseráveis são o lar dos trabalhadores soviéticos.

De acordo com os números soviéticos, em Moscou apenas quatro metros de espaço vital por residente estão disponíveis. Em outras cidades, as condições são ainda menos favoráveis.

A tremenda escassez de espaço vital tem como consequência que, muitas vezes, várias famílias compartilham um cômodo maior: Muitas vezes acontece de três ou quatro famílias viver e dormir num quarto. Uma parede espanhola, uma linha de giz ou barbante separa os espaços individuais.

Esse é o ambiente doméstico da família soviética. Além disso, devido às horas extras, reuniões de trabalho, a eterna fila de espera pelas mercadorias mais simples mesmo em tempos de paz e as condições de transporte deficientes, o tempo de lazer dos trabalhadores e mulheres é extremamente limitado e, portanto, a vida doméstica da família dos trabalhadores está totalmente prejudicada. Com suas chamadas leis de casamento e a lei de liberdade de aborto, o judeu colocou o machado nas raízes da família. O homem e a mulher podem mudar de cônjuge quando quiserem. Uma propagação de promiscuidade sem precedentes. A devassidão tornou-se uma autodestruição frívola. Desinibiu-se o desejo de se compensar por tudo o que se perdeu justamente por meio dessa liberdade.

A lealdade de consciência, responsabilidade e dever tornaram-se conceitos capitalistas obsoletos.

Quando a taxa de natalidade despencou de forma alarmante, os governantes bolcheviques tentaram, por meio da modificação das leis (o aborto foi proibido em 1936), garantir a prole para fins militares e políticos. Mas o alicerce do povo foi destruído: a vida desenraizada. E assim devia ser.

A dissolução da família, propagada durante décadas, fez com que o número de crianças negligenciadas e errantes aumentasse de forma tão alarmante que se tornou um perigo para o país. Hoje, essas hordas são os soldados soviéticos. Mesmo a introdução da pena de morte para crianças com mais de 12 anos não ajudou muito contra isto. Como pode um Estado

presumir educar as crianças, quando ele próprio as usa indevidamente como informantes contra os pais?!

Triunfantemente, Bukharin declarou:

“As crianças se esforçam, com suas mãozinhas fracas, para minar a família, esse refúgio mais conservador de todas as perversões da velha ordem de vida. Eles fogem de seus pais, os espionam e denunciam e os forçam a aderir ao partido comunista. Que engenhosidade e persuasão esses jovens devem reunir para fazer tudo isso.”

As almas das crianças estão envenenadas. Seja na escola, que tem a tarefa absoluta de minar a influência dos pais, ou na vida pública, tudo visa isso:

“Para educar as crianças para serem funcionários sociais, que continuem a causa de Lenin-Stalin e que alcançarão a vitória do comunismo em todo o mundo. ”

(Viúva de Lenin 1938)

Junto com os jovens abandonados e os camponeses expropriados, a mulher se tornou a vítima mais lamentável do regime bolchevique. Ela vive - sem obrigações para com a família - aparentemente livre. O campo de força natural de suas correntes vitais está paralisado. Ela já há muito tempo perdeu sentimento de felicidade. A arma do exército bolchevique é o resultado final desse desenvolvimento: deformação e vegetação, a rendição irremediável às forças de destruição e aniquilação.

VIII. Terror e trabalho forçado.

A característica predominante do bolchevismo judeu é o terror. Lenin estava perfeitamente ciente de que o sistema criminoso do bolchevismo só poderia manter o poder se destruísse seus adversários com meios mais brutais de terror. Ele exigia uma instituição bolchevique cuja única tarefa deveria ser golpear mortalmente o inimigo de classe em qualquer lugar e a qualquer hora, para "mordê-lo fatalmente".

"Certamente você não acha que podemos emergir como vencedores sem o terror mais terrível?"

Assim, Lenin incitou a multidão para o assassinato.

No período da guerra civil de 1917 a 1922, toda a oposição que se destacava entre o povo, foi aniquilada - os bolcheviques dizem "liquidado" - que estava sobre a escória do povo. Afinal, de acordo com Lenin, a moral comunista deve consistir no "assassinato e destruição" de todos os oponentes.

O número das pessoas assassinadas não são o fator decisivo. Também não podem ser determinados aproximadamente.

Decisivo, porém, é que o terror não cessou por um dia sequer, enquanto a camarilha judaico-bolchevique no Kremlin esteve no poder: decisivo é que o subumano judeu, mesmo no século 20, ainda esteja cometendo estes crimes monstruosos.

Decisivo é, finalmente, que um pequeno e inescrupuloso grupo de governantes poderia ter a liderança de um povo inteiro massacrado a fim de moldar este povo em uma massa sem vontade, animalesca, agitada e uniforme, que supostamente, além da Europa, conquistaria o mundo inteiro para o judeu.

Quando o primeiro plano de cinco anos foi apresentado em 1928, uma enorme onda de terror novamente começou a se espalhar por todo o país. Desta vez, o campesinato foi submetido à fúria especial da luxúria judaica por assassinato. "A bala", diz Yagoda, chefe da GPU, "é o melhor meio de luta contra o inimigo de classe". Qualquer camponês que possuísse uma propriedade de tamanho médio ou maior era liquidado, ou seja, fuzilado, sem maiores investigações.

Coube ao judeu Steingart conceber uma maldade particular na organização da "Cavalaria Ligeira".

Ele formou grupos de crianças camponesas que trabalhavam na agricultura, e os chamou de jovens "pioneiros do socialismo". Eles têm a tarefa de vigiar e espionar os camponeses. Qualquer roubo no campo, qualquer retenção de suprimentos e qualquer comentário anti-coletivo deve ser relatado por essas crianças à GPU. As crianças são recompensadas pela denúncia. Sim, o Steingart até realiza competições entre as brigadas infantis pelo maior número de denúncias.

O “Izvestia”, órgão do governo, foi o primeiro jornal a publicar reportagens fotográficas de jovens que condenaram seus pais por “roubo de propriedade coletiva” e os entregaram aos algozes judeus. Os trabalhadores que não se deixam usar como objetos de exploração “voluntária”, estão sujeitos ao mesmo terror. Os infames porões de assassinato da GPU, a mais horrível tortura e trabalho forçado, são os meios dos bolcheviques para permanecer no poder. Nenhum cidadão deste país deixa de ser observado por outro nem mesmo por uma hora do dia ou da noite. Este medo constante de espiões e algozes da GPU paralisa o povo e o torna incapaz de se revoltar. Assim, cada um se torna inimigo do outro. As denúncias mais infundadas chegam ao espião, até que o destino um dia o apanha também.

A maior escravidão, entretanto, ocorre nos campos de trabalhos forçados da União Soviética. A construção de novos centros de armamento e o desenvolvimento de novos depósitos de matéria-prima exige uma utilização massiva de trabalhadores, que geralmente são reassentados nas áreas mais distantes e inóspitas da União Soviética. No Kremlin, eles resolvem essa enorme tarefa de maneira muito simples e com a brutalidade usual. Essas áreas estão sendo transformadas em campos penais. Exilados políticos e criminosos agora eram enviados a esses campos aos milhões. Com um frio de até 50 graus, esses escravos do século 20 tiveram que prolongar sua existência miserável em tendas.

Em Moscou existe um posto de aquisição de escravos, o chamado “Gulag”, cujo chefe também é chefe da GPU. Para poder entregar rapidamente o material escravo solicitado pelos campos, a GPU inicia suas ondas de prisões. Por meio de seu negócio prospero, o “Gulag” cresceu e se tornou um paraíso para contrabandistas, no qual não apenas os judeus aninhados em matilhas ganham enormes quantias de dinheiro, mas também recebem prêmios especiais na sociedade soviética sendo premiados com medalhas. O “Gulag” faz contratos com o banco estatal, com os quais é pago pela utilização em massa do material operário.

Esta captura humana na URSS é feita sob a mudança de slogans. Houve a campanha governamental de “deskulakização” (extermínio de grandes e médios camponeses) nos anos de 1923 a 1926, por meio da qual milhões de camponeses foram enviados para as florestas primitivas da Sibéria e da Carélia. Em seguida, houve a batalha pela “coletivização da economia soviética” em 1926, na qual centenas de milhares das chamadas “pragas das economias coletivas” foram presos. Também foram realizadas campanhas contra as “pragas da indústria”. Porque foi assim que se conseguiu trabalhadores e engenheiros de qualidade para novos centros de armamento. E assim a captura humana foi realizada no paraíso dos escravos vermelhos, com a mudança de slogans e sucesso crescente.

A vida desses trabalhadores forçados que ocorre nas grandes florestas do norte da Rússia desafia qualquer descrição.

Pessoas que nunca tinham visto uma floresta, que vinham das áreas de estepe do sul da Rússia, tiveram que realizar um trabalho que mesmo um trabalhador florestal treinado nunca poderia ter feito. Todo exilado tem direito a uma certa quantidade de comida. Mas só pode ser entregue se o desempenho total de trabalho exigido de toda a "colônia" estiver pronto. Isso era impossível. Fome e exaustão, doença e morte eram o resultado dessa alimentação deficiente. No período de geadas mais severas, essas pessoas tiveram que trabalhar na floresta sem sapatos adequados ou roupas quentes.

Não há atendimento médico, medicamentos ou curativos. Esses trabalhadores forçados são destruídos deliberadamente.

K. Albrecht escreve sobre suas habitações:

"Em um local de cavernas de terra baixa, cujo telhado consistia em galhos e gravetos, camponeses expropriados à força de toda a Rússia com suas famílias foram alojados. Embora esses buracos no solo, que servia como abrigo estivesse localizado no meio da floresta, e houvesse madeira suficiente para queimar, eles não foram aquecidos. Essas pessoas deitaram-se e sentaram-se no chão frio, abatidas pela fome e privação, preocupação e tristeza, olhando apaticamente à sua frente. Muitos deles não comiam um pedaço de pão e muito menos traziam algo quente aos lábios, há dias.

Tremendo de frio, as crianças famintas se amontoavam junto às mães e pais, implorando-me por pão com gestos tristes e cansados. Durante meus quatro anos de guerra na frente de batalha, eu

realmente experimentei muitos infortúnios: já havia visto uma grande miséria lamentável nos longos anos de minha vida soviética, mas esse horror superou tudo que um cérebro humano pode inventar em termos de maldade, baixeza e crueldade sem sentido."

(Albrecht, páginas 158 e 162)

Mas Stalin ainda não estava satisfeito com isso. Ele garantiu que mesmo jovens de ambos os sexos com idades entre 14 e 18 fossem enviados para os campos de trabalho na floresta.

Ano após ano, um número maior desses jovens foi mandado para as florestas, a fim de retirá-los da influência de seus pais e através da permissão do "comportamento sexual mais livre" para conquistá-los para o partido comunista.

Além de todos esses tormentos existe também o terror sangrento dos guardas e comandantes do campo. A GPU ordenou que um bônus de 5 rublos fosse pago para cada prisioneiro fugitivo trazido vivo, mais 1 pudim de farinha (no valor de 500 rublos) como recompensa para cada fugitivo trazido morto. Guardas seniores e assassinos fizeram disso um negócio.

Por exemplo, depois de olhar ao redor para ver se estava sozinho, um dos guardas chamou um trabalhador escravo durante um breve intervalo do trabalho, deu-lhe uma chaleira e disse para ele ir até o riacho a cerca de 25 metros de distância, para buscar água para ele. Desavisado, o jovem trabalhador forçado partiu, e então o guarda agarrou o rifle e atirou no infeliz pelas costas.

Havia um regulamento que estabelecia que apenas trabalhadores forçados fuzilados pelas costas eram reconhecidos como “fugitivos alvejados durante uma fuga”.

(Albrecht, página 181)

Seja durante a construção do Canal do Mar Branco ou nas áreas florestais, ou nos novos centros industriais: os algozes de Stalin e seus bandidos assassinos judeus estão em toda parte.

IX. Consideração final

O bolchevismo governou por 24 anos. Sacrificou milhões de pessoas ao Moloque da industrialização, também sacrificou o bem-estar material de todo o povo a ele. Esse é apenas um lado, e de fato o lado mais inofensivo, da URSS. O judeu sabia que para garantir seu domínio na Rússia era necessário a terrível miséria de milhões. Ele, portanto, também destruiu todos os pré-requisitos sobre os quais as pessoas se baseiam: ele lutou contra Deus com fanatismo e propagou o caos racial.

Não é por acaso que o Judaísmo ajudou a esconder do mundo inteiro o que estava acontecendo na Rússia. Todos estes discursos pacíficos e referências à "interessante experiência social" na Rússia só deveriam ajudar a ganhar tempo até que todo um grande povo se degenerasse e se tornasse escravo a tal ponto que alguém pudesse usá-los para conquistar o resto do mundo.

Além dessa degeneração do povo, a procriação no sentido negativo ocorreu: a criação de uma nova "classe de liderança" a partir da grande escória da subumanidade intelectualmente talentosa dos guetos judeus e dos bastardos tártaros eslavos.

Podemos ver os efeitos dessa contaminação hoje nos soldados do Exército Soviético. Pelo menos até aos catorze anos de idade em 1917, até, aos 38 anos de hoje, todos os soldados ativos e grupos de reserva, todos os oficiais até os oficiais do estado-maior foram cem por cento treinados e moldados pelo bolchevismo. Do resto, só se mantiveram os que foram mil vezes testados pelos soviéticos. Na verdade, uma força armada totalmente bolchevique! E esses milhões foram, com todos os meios de psicologia de massa e lavagem cerebral, com viseiras, proletarização e fanatização dos instintos bestiais, moldados e transformados em máquinas. Máquinas que foram construídas para atacar, esmagar, matar e aniquilar cegamente.

Máquinas que estão longe de qualquer humanidade com ferro morto e mecanismo insensível. Máquinas para as quais a morte significa apenas a incapacitação de uma parte individual, que é rapidamente substituída. Máquinas que não podem ser transformadas repentinamente em pessoas novamente para serem razoáveis ou ter compaixão pelos indefesos. E essas máquinas têm à sua disposição outras máquinas, aviões, tanques, canhões e armas de todo tipo. Por 20 anos, dia após dia, ficou o feitor com o chicote, o comissário com o revólver, o ditador com seu carrasco atrás dos camponeses, operários e engenheiros.

Canais e ruas estratégicas para o oeste foram construídos.

Para a felicidade do povo e sua paz? O ódio estava por trás de tudo o que acontecia obstinadamente na URSS. O ódio dos expulsos, do pária judeu. Uma onda de aço cega e impiedosa deveria varrer a Alemanha e a Europa. Triunfo do materialismo, que se propôs a dominar o trabalho, triunfo da fúria judaica de destruição e arrogância.

Mas o destino queria de outra forma. Os exércitos alemães chegaram a tempo, para enfrentar a ameaça judaico-bolchevique.

Muitas vezes, o Império se tornou o salvador da Europa contra as inundações de destruição do leste.

E mais do que nunca, a Alemanha olha com confiança e gratidão para o Führer, que coroa a sua obra de maneira permanente, destruindo o eterno inimigo judeu.

Traduzido Por: Revelando O Oculto



JUNTOS SOMOS MAIS FORTES!!!